

DF

7

Área metropolitana cresce mais

■ Atração de migrantes deve continuar por falta de alternativas e, em 2010, população pode passar de 4 milhões

TIAGO FARIA

A área metropolitana de Brasília (que inclui o Distrito Federal e cidades do Entorno) deverá abrigar mais de quatro milhões de habitantes em 2010. A previsão é do presidente do Instituto Brasiliense de Estudos da Economia Regional (Ibrase), Júlio Miragaya, que apresentou ontem uma análise dos dados preliminares do Censo 2000, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O estudo, intitulado "A explosão demográfica na área metropolitana de Brasília", prevê crescimento populacional acelerado na cidade - o que pode ter como consequências desemprego e mais inchaço nas regiões do Entorno. No Censo 2000, o número de habitantes da área metropolitana ficou em 2.748.086. Em 1991, eram 1.978.746 habitantes. Um crescimento de 38,9% no período, ou 3,72% ao ano. Quando Brasília foi criada, a previsão era de 500 mil habitantes no ano 2000 - mas essa estimativa era para o Plano Piloto.

Dentre os principais centros brasileiros que atraem migrantes, a área metropolitana de Brasília foi o que apresentou o mais acelerado crescimento demográfico no período entre 1991 e o ano 2000, seguido por Goiânia (GO), com 3,21%, e Curitiba (PR), com 3,13%. En-

quanto na maioria das cidades a ordem é a estabilização ou queda do número de habitantes, em Brasília o número continua crescendo. "O mais surpreendente é que, diferentemente da tendência brasileira, o crescimento populacional entre 1991 e 2000 foi maior que o apresentado no período de 1980 a 1991, de 3,47% ao ano", afirma o pesquisador. Nos anos 80, a população brasileira cresceu 1,91% a cada ano. Nos anos 90, o crescimento foi de 1,60% por ano. "Brasília vive uma situação peculiar porque continua atraindo muitos migrantes e isso deve continuar acontecendo por muitos anos", alerta Miragaya. São cerca de 100 mil pessoas a mais por ano no contingente populacional da área.

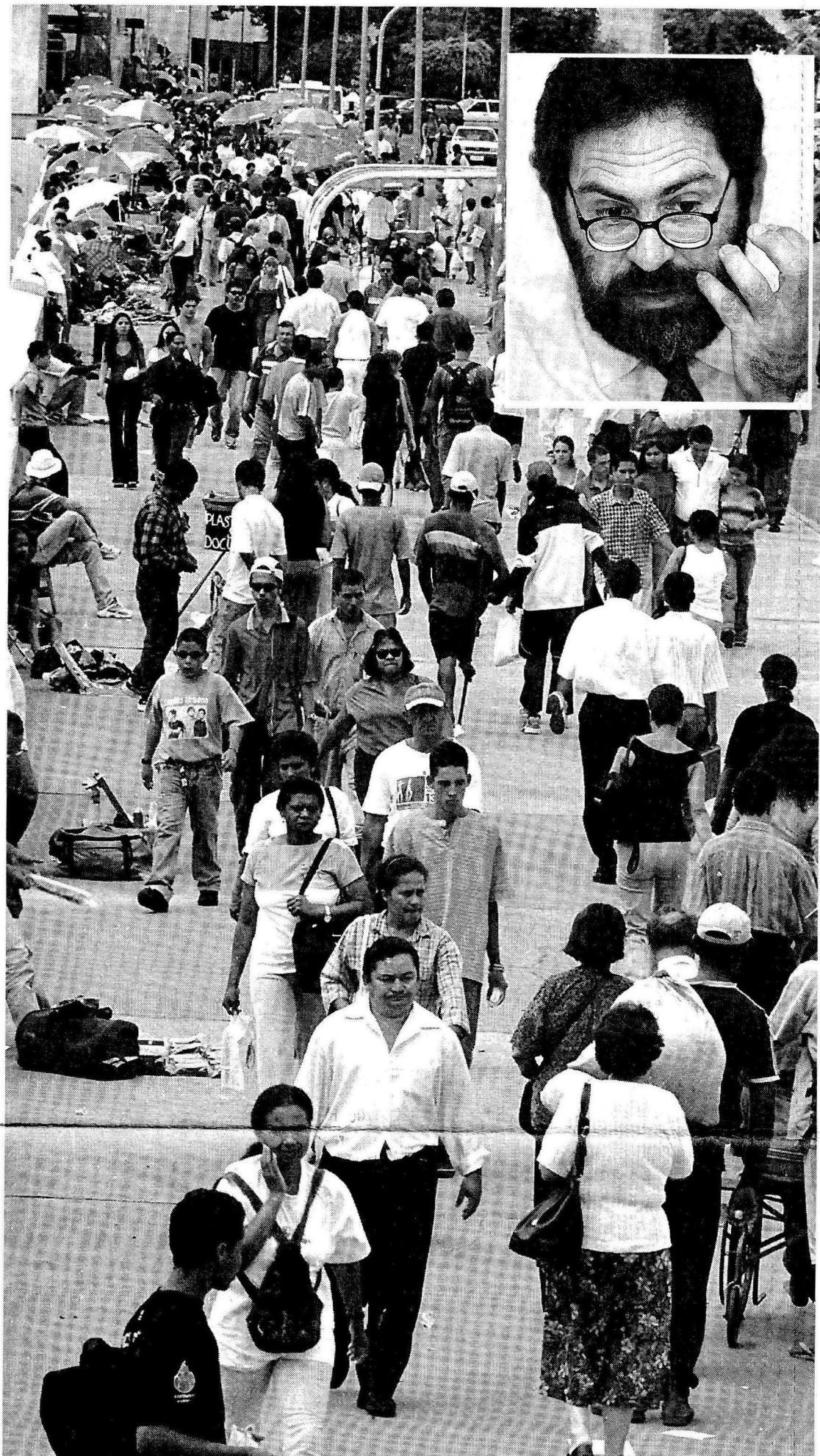
Cidades frágeis - A explicação encontrada por Miragaya para o fenômeno é que migrantes do sertão nordestino, do norte de Minas, do sul do Maranhão e do sudeste do Pará não encontram centros intermediários de desenvolvimento econômico para viverem quando decidem migrar para o Centro-Oeste. "Em São Paulo, há cidades como Campinas e Ribeirão Preto, que absorvem migrantes de outras regiões", explica. "No Centro-Oeste, a saída é morar em cidades consolidadas, como Brasília e Goiânia, porque não há outro tipo de opção",

continua. O autor do estudo cita Paracatu (MG) como exemplo do estilo de cidade intermediária que existe na região. "O lugar está estagnado, sem alternativas de emprego", avalia.

O crescimento populacional de Goiânia seria explicado do mesmo jeito. "No Centro-Oeste, a economia é movida pelo mercado de grãos e da pecuária bovina, mas, na maior parte do território, a exploração agrícola é de baixa produtividade", esclarece. Quando a tecnologia chega a alguns centros, a exigência de mão-de-obra passa a ser menor.

A procura por cidades da região teria sido motivada pela crise econômica que afetou o Sudeste a partir dos anos 80, resultando em diminuição de empregos. O motivo para a inclusão de Curitiba entre os campeões de crescimento populacional está no que o pesquisador chama de "industrialização tardia". "As grandes empresas de automóvel, por exemplo, só estão chegando lá agora."

Das cidades menores que gravitam em torno do centro Brasília-Goiânia (Anápolis funcionaria como eixo de ligação entre as metrópoles), apenas Palmas (TO) apresentou crescimento representativo, de 21,17%. Miragaya prevê que, em 2010, a população nesse centro chegue a sete milhões.



O presidente do Ibrase, Júlio Miragaya (no detalhe), apresentou estudo sobre o Censo 2000